

Nome: Libertarianismo	Endereço: www.libertarianismo.com
Data: 21/04/2009	Mídia: Site/Jornal



Salim Mattar no Forum da Liberdade - I de II

O CAPITALISMO É A FONTE DA RIQUEZA, DA PROSPERIDADE E DO BEM-ESTAR

Durante a realização da última reunião da cúpula do G-20, vimos grupos de protesto exibindo cartazes declarando a morte do capitalismo e a exigência de que seja substituído por outro sistema que seja "mais justo".

Não existe sistema mais justo que o capitalismo!
Explicarei:

O capitalismo, no presente momento, tem sofrido inúmeras críticas, por diversos atores, devido à atual crise mundial.

A destruição de riqueza pela atual crise deve ser colocada no contexto e comparada com a enorme criação de riqueza e melhora do bem-estar durante as três décadas passadas.

Observa-se, em todo o mundo, uma clara correlação entre liberdade econômica e a prosperidade dos povos, sendo que os países mais capitalistas têm maior renda per capita e, por consequência, melhor qualidade e maior expectativa de vida.

Graças ao capitalismo e sua geração de riqueza e prosperidade, a saúde global medida pela expectativa de vida também aumentou rapidamente, especialmente naqueles países que mais se desenvolveram devido à liberdade de empreender.

Pelas lições da história, jamais existiu sistema que produza e distribua mais riqueza do que o capitalismo, principalmente quando deixado funcionar adequadamente através do livre mercado.

O produto doméstico bruto mundial cresceu cerca de 145% nos 27 anos, de 1980 a 2007, ou a uma média de cerca de 3,4% ao ano. A assim chamada "ganância capitalista" que motivou homens de negócios e trabalhadores ambiciosos, ajudou centenas de milhões de pessoas a sair dos grilhões da pobreza.

O papel do capitalismo na criação de riqueza ensejou também, de forma exemplar, clara e inequívoca, o rápido crescimento da renda dos chineses e

indianos, depois que eles introduziram reformas baseadas na economia de mercado.

A China, no final dos anos 1970, e a Índia em 1991.

Naturalmente, junto com a glória de décadas de sucesso, o desempenho do capitalismo deve incluir esta crise e outras anteriores.

Mesmo que esta crise seja inteiramente considerada como culpa do capitalismo, ou que ele mereça uma considerável parte da culpa, as perdas induzidas pelas recessões são insignificantes em comparação com as grandes conquistas do capitalismo nas décadas anteriores.

Analisemos, por exemplo, uma suposição pessimista em que a atual crise se converta em uma depressão, onde o PIS mundial tenha uma retração de 10%.

Então, o crescimento líquido do PIB mundial, de 1980 a 2010, seria de 120%, ou aproximadamente 2,7% ao ano neste período de 30 anos. Isto ainda permitiria a renda real per capita aumentar em quase 40%, embora a população mundial crescesse aproximadamente 1,6% ao ano no mesmo período.

Não há como deixar de considerar as realizações do capitalismo!

A produção, o emprego e os ganhos foram prejudicados pela crise e piorarão antes que melhorem.

Todavia, até os grandes declínios representam pausas no progresso de longo prazo se conservarmos os fundamentos necessários para o crescimento de longo prazo. Este crescimento vai depender dos investimentos de capital, em pessoas, ou capital humano, e na produção de conhecimento novo.

Isto necessita de um ambiente econômico estável. A incerteza sobre o alcance da regulação que os governos, neste momento de desespero, pretendem fazer, provavelmente, terá a consequência não intencional de tornar aqueles investimentos mais arriscados.

A ausência de prosperidade nos países não capitalistas da América Latina, da África e outros, por falta de educação e de liberdade econômica, mostra que a falta de capitalismo, que depende substancialmente destes dois fatores, impede estes países de produzir e distribuir riqueza no nível dos países capitalistas.

Os governos não devem, assim, dificultar que mercados que foram impedidos de proporcionar crescimento rápido às economias pobres da América Latina, África e de outras regiões, por meio do protecionismo, tenham participação limitada na economia global.

No artigo "A importância da Liberdade", de James A. Dorn, Vice-presidente para assuntos acadêmicos do Cato Institute e professor de Economia da Towson University em Maryland - EUA, o autor mostra que "Aqueles nações que fracassaram na adoção da liberdade como o princípio primordial, também fracassaram em perceber os benefícios da liberdade. Elas ignoraram a grande idéia liberal, articulada em 'A Lei' por Frédéric Bastiat em meados do século XIX, de que "a solução do problema social está na liberdade."

Por "problema social" Bastiat referia-se ao problema de coordenação que confronta todas as sociedades - isto é, o problema de satisfazer os desejos das pessoas por bens ou serviços sem planejamento central.

A beleza do sistema de mercado, baseado nos direitos de propriedade privada e liberdade de contrato, e que permite que os indivíduos continuamente se ajustem às novas informações sobre desejos, recursos e tecnologia, e que se engajem em trocas mutuamente benéficas.

A liberdade econômica amplia o leque de escolhas e, portanto, a riqueza das nações. Os países com maior liberdade econômica têm um padrão de vida mais alto do que aqueles que têm menos liberdade.

Alem disso, os países que se liberalizaram mais rapidamente - segundo foi medido pelo índice de liberdade econômica - tenderam a um crescimento mais rápido do que os países que fracassaram na liberalização ou que liberalizaram mais lentamente.

Os economistas James Gwartney e Robert Lawson, autores da publicação anual do Fraser Institute, intitulada Economic Freedom of the World, consideram que as diferenças de longo prazo em liberdade econômica explicam aproximadamente dois terços da diferença na renda per capita entre os países.

"Não é nenhum segredo que os países que se abriram para as forças do comércio internacional e restringiram o crescimento do governo prosperaram, enquanto os países que têm um escopo de mercado limitado e governo grande estagnaram."

Adam Smith compreendeu que o livre comércio não é um jogo de soma zero, mas um jogo que beneficia ambos os parceiros. Escreveu ele em seu livro "A riqueza das nações": "Cada indivíduo irá buscar aplicar o seu capital da melhor forma possível, objetivando a própria satisfação.

E, direcionando seus esforços e capital para aquela indústria que produza o maior valor possível, ele pretende apenas gerar seu próprio ganho, e nisso ele é guiado por uma "mão invisível" que promove um resultado que não fazia parte de sua intenção.

Cada um buscando satisfazer os próprios interesses, o resultado final acaba sendo benéfico para a grande maioria." Então, podemos concluir que através da "mão invisível" da economia, cada um irá investir no negócio onde possa ter os melhores retornos, onde exista vantagem comparativa e o resultado geral tende a ser maior.

A lógica serve para derrubar também os argumentos dos defensores de um grande planejamento central, que deposita numa suposta clarividência de poucos o destino da nação.

Quando a "mão visível" do Estado prejudica o funcionamento da "mão invisível" do livre mercado, o progresso acaba comprometido.

Hayek argumenta que o cálculo econômico para o uso racional dos recursos disponíveis não é viável em uma economia com planejamento central, ou- seja, socialista. As informações e o conhecimento existentes na sociedade estão dispersos entre os milhões de indivíduos.

Como esse conhecimento será utilizado é uma questão fundamental para a eficiência do sistema econômico. O arbitrador que ganha com essas assimetrias de conhecimento, através dos diferentes preços praticados, exerce uma função essencial para o funcionamento econômico.

A idéia de que a assimetria de informações impede a livre concorrência é totalmente falsa, já que nem mesmo faria sentido falar em concorrência real caso houvesse perfeita simetria de conhecimento. Um planejamento central com base em estatísticas jamais poderia substituir esses ajustes realizados com base no conhecimento disperso e assimétrico dos indivíduos.

No entanto, os positivistas passaram a acreditar que era possível impor de cima para baixo as decisões de alocação dos recursos disponíveis, ignorando justamente o mecanismo que torna viável e eficiente esta alocação.

E também a competição, que torna possível uma alocação eficiente dos recursos, um processo dinâmico na busca pela satisfação dos desejos e demandas dos consumidores. Estes desejos não podem ser tratados como dados disponíveis e estáticos, pois dependem do valor subjetivo de cada indivíduo, e estão sempre em constante mutação.

A função da competição é justamente nos ensinar quem pode nos servir melhor, e essa resposta nunca é fixa. O problema econômico é o de fazer o melhor uso dos recursos que temos, e não faz sentido falar numa situação hipotética onde um "mercado perfeito" existiria.

E assim se assentaram as bases do capitalismo, que depois da Revolução Industrial proporcionou, aos países que o praticaram, cem anos de constante crescimento econômico, resultando também que até mesmo os trabalhadores, e não somente as classe superiores, tivessem acesso a bens que antes do advento do capitalismo só estavam ao alcance da nobreza.

E o padrão de vida foi se elevando, com benefícios para a população através da melhora da higiene pessoal e doméstica, proporcionando mais saúde e aumentando a longevidade das pessoas nos países que adotaram o capitalismo como forma de produção econômica.

A Irlanda é um caso exemplar de impressionante sucesso das reformas liberais que reduzem a intervenção estatal e aumentam a autonomia individual. A Irlanda, que era um dos mais pobres países da Europa, ao aderir com vontade ao capitalismo global, obteve enorme crescimento econômico – 6% ao ano entre 1995 e 2006 – aumentando substancialmente a renda dos irlandeses.

A renda per capita da Irlanda atingiu impressionantes US\$ 44.500! – uma das mais altas da Europa. O governo irlandês adotou políticas liberais (1) reduzindo a inflação, (2) reduzindo os gastos públicos, (3) facilitando, desburocratizando e promovendo o investimento estrangeiro. Conta ainda com elevado nível de liberdade para os negócios, investimentos e finanças e garante de forma inequívoca os direitos de propriedade privada, que são garantidos por um sistema judiciário de alta qualidade.

O contrário do Brasil, cujo MST, organização criminosa sem personalidade jurídica para permanecer inimputável, invade e destrói propriedades rurais em todo o Brasil, com financiamento ilegal do governo, e o judiciário, quando ordena reintegração de posse, não é obedecido pelos governos estaduais, especialmente no Pará. Este desrespeito à propriedade privada, desvalorizando-a, afasta investimentos e promove a pobreza.

Mudanças regulatórias na Irlanda foram realizadas para facilitar o empreendedorismo. O imposto para empresas foi reduzido para apenas 12,5%! As tarifas médias de importação são de apenas 1,7%! O governo vendeu sua participação na última estatal do setor financeiro. O setor financeiro é totalmente competitivo e aberto aos estrangeiros, onde 115 bancos e instituições disputam o mercado.

Como consequência disso, quatro milhões de habitantes do país desfrutam de uma expectativa de vida de 80 anos e com apenas 5,2% de mortalidade infantil, contra 27,6% no Brasil.

A Irlanda simplesmente resolveu encarar a dura realidade e adotar o capitalismo global como modelo, reduziu o peso do Estado e acolheu o capital estrangeiro. Já

os países que não adotaram o capitalismo ficaram sujeitos a sofrer o que Adam Smith descreveu como "a lógica que serve para criticar muitos tipos de intervenção do governo no comércio", como o protecionismo defendido pelos mercantilistas da época.

Se a produção doméstica pode ser feita tão barata quanto a estrangeira, então a regulação é inútil, e caso não possa, ela será ineficiente.

(Continua)